



TRIBUNA Livre

2
MARÇO
1957

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

PAULO BARROSA DE MACEDO

DIRETOR: ANTONIO JOSE DA COSTA

REDACTOR: JOAO BARROSA DE MACEDO

Redacção: PAULO BARROSA DE MACEDO

Compositores e Impressores: LARGO

DR. OLIVEIRA SALAZAR III 52115 AMARES

Faleceu, na passada quarta-feira, o virtuoso e benemérito Arcipreste de Amares. P.de José Joaquim da Costa Azevedo

Desde há meses que se encontrava retido no seu leito o Rev. Arcipreste de Amares.

Nos últimos dias os seus padecimentos agravaram-se e pelas 20 hrs. da passada quarta-feira, faleceu aquele que deixa o seu nome aureolado por uma obra de intenso trabalho e de sã administração.

Ordenado em vinte e cinco de Julho de 1904, no seminário de Braga, parouquiu durante oito anos a vizinha freguesia de Caires, sendo, então colocado na freguesia de Ferreiros onde serviu 12 anos como pároco e 32 anos como pároco e arcipreste.

A acção desenvolveu-se,

pois, nesta freguesia de Ferreiros, onde, a par da sua obra de pároco devia salientar-se, também, pela sua constante actividade em pro do progresso local.

A residência paroquial, num edificio à altura da freguesia, em grande parte obra do seu dinamismo, como são, também, as obras com que muito beneficiou a igreja, e a construção do novo cemitério.

Presidente da Associação dos Bombeiros Voluntários da qual foi um dos primeiros servidores, ali realizou também uma obra notável e útil.

Mas, a iniciativa que mais havia de prender a sua atenção e merecer o cari-

noso elogio dos seus conterrâneos foi a «Sopa dos pobres» em que diariamente dezenas de crianças encontraram o alimento necessário ao seu desenvolvimento.

Esta obra recebeu um donativo de 100 contos do benemérito Luis Calheiros de Abreu, tornando-se, assim, capaz de sobreviver aos efeitos do tempo.

Foi, ainda, um dos fundadores da Santa Casa da Misericórdia concelhia e da Caixa de Crédito Agrícola Mutuo, numa demonstração plena do desdobraimento das suas actividades a denunciarem um homem de tempera rija e de vontade indomável.

Activo, prestigioso, via-se
(Continua na 4.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

A má vontade com que Afonso II aceitou as disposições testamentárias de seu pai, acrescida do trágico desfecho daquele acto de tresloucada paixão de Gomes Lourenço, filho do «Espadeiro», o qual, caindo sobre Martim Pais de Ribeira em Avelans, no regresso dos paços reais de Coimbra ao velho solar de família em Lanhoso, conseguiu arrebatá-lo a irmã, coberta de crepes que mais decaviam realçar ainda a formosura da que fora a inseparável companheira dos últimos anos de Sancho I, episódio histórico que Rebelo da Silva romantizou no seu «Ódio velho não cansa», tudo concorreu em principio para que se formassem e dividissem partidos, pactuando os ricos-homens em alianças de famílias nobres e poderosas tal qual mais tarde se foi praticando entre nações amigas.

Pontos de honra levavam os cavaleiros a encontrarem-se por tudo e por nada, ao abrigo de direitos de revindicta, em desafios e duelos de morte; e os reptos, os toros e os desafios as justas sucederam-se no tempo, até serem combatidos por esse belo transe dos doze de Inglaterra, já no momento de expirar da magnífica idade média.

Época de natural brutalidade e violência, no entanto verificaram-se acontecimentos que, no dizer de D. Frei António Brandão na sua parte da Monarquia Lusitana, podem considerar-se o primor da cavalaria daquele tempo:

Martim Sanches, filho de Sancho I e da Fornelo, recusou-se a combater com os Portugueses, seus compatriotas, tendo à vista o rei seu irmão e o estandarte real.

(Continua na 6.ª página)

Notas à margem

O Arcipreste de Amares, Rev.

JOSÉ JOAQUIM DA COSTA AZEVEDO

POR Narciso J. Gonçalves

Acaba de desaparecer do nosso meio uma das mais gradas personalidades que o honrava — o Rev. Arcipreste, P.º José Joaquim da Costa Azevedo.

Nado nesta terra por que tanto pelejou, ordenara-se de presbítero em Julho de 1904. Foi a seguir nomeado pároco da vizinha freguesia de Caires, que pastorou durante 8 anos, vindo para esta de Ferreiros como coadjutor do então abade, Padre Custódio Fernandes Pereira, em Maio de 1916.

Em Dezembro do mesmo ano, o Arcebispo de Braga, D. Manuel Vieira de Matos, confirma a sua nomeação como pároco da terra que lhe deu o berço, onde se conservou 43 anos num apostolado fecundo de bençãos e graças. Mais tarde, já em 1924, Sua Ex.ª Rev., o actual Arcebispo Primaz de

Braga, elege-o Arcipreste ou Vigário da Vara no concelho de Amares.

Apraz-me aqui, como preito de eterna gratidão, transcrever o que sobre o seu perfil de homem e sacerdote foi dito num diário nortenho, número especial dedicado ao nosso concelho, em 13-7-1947:—

A nossa homenagem a

'UM AMIGO,

Publicando um número dedicado a Amares, não podíamos esquecer um dos maiores amigos do jornal: o sr. Arcipreste, Rev. José Joaquim da Costa Azevedo.

Temo-lo a nosso lado, carinhoso, entusiasta, adorável de ternura para com todos os empreendimentos dignos de estima.

É dos mais decididos campeões da Boa imprensa. Esta deve-lhe imenso.

Graças a ele, a Empresa do «Diário do Minho» conta com um sector afecto e com um arciprestado onde os assinantes

(Continua na 4.ª página)

Homenagem que se impõe

Ninguém melhor do que o distinto jornalista sr. Augusto Martins, pela sua independência e isenção, para fazer a sugestão de que a recondução do ilustre Presidente da Câmara de Braga deve ser aproveitada para lhe ser tributada uma homenagem de apreço e reconhecimento.

Ao fazê-lo, com a sua proverbial eloquência e seriedade, o conhecido jornalista sintetisa as realizações do sr. António Maria Santos da Cunha nesta frase que encerra um mundo de significados: «surto único, em Braga e talvez no País, guardadas as proporções de capacidade das terras grandes.»

É assim mesmo sem que nenhum pretencioso ou ingrato o possa contestar.

E porque a manifestação tem de estar à altura da obra realizada, ela tem de se fazer mas de uma maneira ímpar que seja uma

autêntica consagração de um homem já de si consagrado pelos seus feitos excepcionais.

Justa, justíssima. Além

(Continua na 4.ª página)

ORIGINALIDADES

Embora se tenha feito vaga referência a esta particularidade do «fundo étnico» em que assentam, de um modo especial, as populações nortenhas, e a história de uma região, isto já se acentuou, não pode talhar-se cerce, como a biografia de qualquer indivíduo não pode igualmente isolar-se no ambiente ou meio em que se movimenta, tenha-se presente que a origem de Entre-Minho e Douro se concilia perfeitamente com as noções por que se discriminam as que servem de base histórica da Nacionalidade, que aqui encontrou o seu núcleo fundamental.

Sem considerar a orla marítima, mais sob a influência de povos navegadores, os Celtas e os Iberos com suas habitações grosseiras, feitas de pedras a esmo, cobertas de ramos de

árvores e de palhas, os célebres *dólmenes* que ainda abundam por estas paragens como monumento característico dessa raça pré-histórica, acharam-se compreendidos pela designação geral de *Lusitanos*, a constituiriam tribus semi-bárbaras cuja vida se agitava já pelos *castros* e *citânias* ou *cidadelhas*, cada vez mais ciosas da sua liberdade, e independência, preferindo as alturas serranas antes que a custo e lentamente se derramassem pelos vales e planícies ao convívio das primeiras *villas* e *cidades* — este povo resistente só abriu os olhos aos primeiros clarões de uma civilização, sob os auspícios dos admiráveis construtores da *Pax Romana* que tanto combateram.

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA CINEMATOGRAFICA

Editorial

Alfredo Hitchcok e a emoção

(Continuação do número anterior)

Claro está que Hitch não tomou como regra geral, no desenvolvimento da película, aquela maneira contínua de linguagem. No entanto, muitas sequências visuais conseguem-se por aquele processo. E consegue-se com absoluto êxito.

De certo modo, a sequência visual dum cena conseguida e escrita por um andamento da objectiva que, em «A Janela Indiscreta», é uma nota bastante saliente, não está de acordo com a teoria expressa há alguns anos pelo mestre do *suspense* e da emoção. Então o cineasta londrino teorizou não ser aplogista da descrição de cenas em extensão, processo que transforma a câmara num autêntico plantão—o que afrouxa o ritmo. Normalmente a linguagem, a cadência ea harmonia cinematográficas residem numa sincronização de sequências em que a objectiva elabora, como no «cannon» musical, um movimento contraponlístico, focando apenas, dum cena, o que de essencial nela exista para um completo e rápido conteúdo narrativo, quer da atmosfera como, quer do valor da cena. Vulgarmente, o operador faz «pular» o aparelho de vistas de imagem para imagem, construindo o ritmo com uma combinação de planos e uma série de ângulos, chamando a atenção do espectador para um determinado número de pontos tomados como essenciais, quer para o desenrolar da cena, quer para o desenvolvimento sinfónico da sucessão das imagens.

A tomada contínua é, no entanto, explorada com notável inteligência e valorização por alguns cineastas do nome, com Charles Chaplin.

O que em «A Janela Indiscreta» parece uma variante na técnica do seu realizador não é mais que verdadeiramente, a expressão exacta dum artista que se renova de filme para filme—e dum maneira extraordinária.

Por isso, as obras de Hitchcock são sempre algo de novo, de uma linguagem lógica. Nelas o inverosímil não tem lugar.

«A Janela Indiscreta» é um filme notável pela concepção. Pela maneira especialíssima como nos é contada a história de um crime. O filme é, de facto, algo de novo, de revolucionário, na obra de Hitchcock.

Hitchcock é católico. Por isso se compreende a mensagem de responsabilidade que o personagem principal nos testemunha, quer no seu caso de amor, quer perante a certeza a que chega quanto ao crime.

Interptração impecável de James Stewart e Grace Kelly. Os bocados de amor que ambos nos apresentam são do mais humano e do mais sincero que temos visto na pantalha. E isto porque Hitchcock nos dá o real valor das coisas e da pessoa humana.

Grace Kelly é, possivelmente, a artista feminina, mais encantadoramente feminina, que encontramos no cinema contemporâneo. Ela e Maria Shell são, talvez, as duas maiores artistas do cinema actual no que de feminino e encantador a mulher nos deve oferecer como beleza e ao mesmo tempo como virtude. O leitor ainda se lembra da mulher do xerife, em «O comboio apitou três vezes»? Sim, aquela forte e virtuosa e compreensiva personagem é vivida por Grace Kelly.

(Joaquim Monteiro Jorge)

Restaurante e Pousada da Abadia

Aluga-se a pessoa que saiba bem receber e bem servir. Tem casa para moradia. Condições vantajosas.

Falar em Bouro, na Casa Almeida & Silva, telefone n.º 3865.

Esta iniciativa acompanha o grande plano de melhoramentos a realizar no local do Santuário e estradas.

O Secretário,

António Almeida

Pequenas Biografias

JODY LAWRENCE

A bela loura que é Jody Lawrence servia mesas num restaurante da Califórnia há um ano atrás, e agora, tal como no conto da Borracheira, vai ser a estrela de dois filmes da Paramount «A Hora Escarlata» (The Scarlet Hour) e «O Segredo Do Padre» (The Leather Saint). Entretanto, Jody não é uma atriz neófito. Tem estudado a sua arte desde os mais verdes anos. Frequentou a Escola Profissional de Hollywood e tomou também lições particulares de drama. Foi afinal contratada pela Columbia onde apareceu a meia dúzia de filmes. Mal satisfeita com o curso da sua carreira, Jody cancelou seu contrato e, para cortar as amarras, decidiu tornar-se *garçonele* para poder continuar a frequentar aulas dramáticas em suas horas de folga. Essa ideia foi providencial, pois o produtor da Paramount Michael Curtiz viu-a enquanto servia mesas e contratou-a para o papel de protagonista do filme «A Hora Escarlata». Agora, a Paramount tem-a sob contrato longo.

Produção da Fox

O RAPAZ DO GOLFINHO: este filme apresenta umas tomadas de vistas maravilhosas ainda mais surpreendentes do que as do filme A FONTE DOS AMORES, ambos filmados pelo cameraman MILTON KRASNER, sob a direcção de Jean Negulesco, inteiramente filmado na Grécia.

ROCK HUDSON o actor cinematográfico mais ardente da actualidade, interpreta, no filme ADEUS ÀS ARMAS o papel de chafer da ambulância, ao lado de Jennier Jones e Victório de Sica.

As filmagens deste arrebatador drama de amor passado durante a I guerra mundial, serão iniciadas em Março, nos Alpes Italianos.

AVA GARDNER aceitou o papel que lhe foi oferecido no filme SOL NASCE SEMPRE (The Sun Also Rises) produzido por Darryl Zanuck e dirigido por Henry King (o mesmo frio do filme Neves de Kilimanjaro). Ava desempenhará o papel dum mulher obsecada pelo amor, desejado por todos mas que foi negado o unico amor que tanto desejava. Este drama será filmado em Inglaterra, México e Espanha.

Um prémio para o filme

«Alta Sociedade»,

DA METRO

A música do filme «Alta Sociedade» acaba de conquistar a MEDALHA DE OURO DO DISCO DE 1956, que foi atribuída pelo grande jornal Inglês «NEWS CRONICLE»—(1.300.000 exemplares diários)— Esta alta recompensa foi dada por: «... à beleza e à qualidade das melodias de Cole PORTER, à sua extraordinária distribuição reunida num só disco e pelas admiráveis interpretações das vedetas consideradas de 1.ª classe...»

A «Medalha de Ouro do Disco» é a mais elevada classificação atribuída a uma música gravada.

O actor alemão Curt Jergens aceitou um contrato para ir a Hollywood interpretar, sob a direcção de Dick Powel, um dos principais papeis no filme CinemaScope da 20 th Century-Fox, intitulado «THE ENEMY BELOW». Curt Jergens faz o papel do comandante do submarino alemão e tem como parceiro e antagonista o actor Cary Grant que interpreta o papel de comandante dum submarino inglês. Adaptação de Wendell Mayes do romance de R. A. Rayner. Um autêntico duelo entre duas inteligências e duas forças.

Visado pela comissão de censura

Paraíso Pagão

Esta noite ao cintilar do firmamento
Tive um sonho magnífico, oriental
Com arábes de formosura quase irreal
E cabelos de fogo como palmeiras ao vento

Elas evolavam subtis pelo ar cálido
Cobertas de leves gazes espumosas
Os peitos morenos rescendiam a rosas
E desnudavam lentamente o corpo pálido.

A uma senti o hálito da boca palpitante
Envolver-me a Razão num odor quente
Procurando os meus lábios anelante...

Como por mágico elixir do oriente
Cingi-lhe, sôrego o corpo palpitante
E fiquei assim... a beijá-la longamente.

Manuel Bastos



Diana Lynn

Uma das mais encantadoras e jovem artista do cinema actual. (Foto Paramount).

O cinema em Braga

No passado mês de Janeiro foram exibidos em Braga trinta e três películas, num total de cinquenta e quatro sessões, assim seleccionadas:

S. GERALDO; 18 filmes, 32 sessões. Americanos, 9; italianos, 3; ingleses, 3, alemães, 2 e franceses, 1. Em cinemoscópio 55, 1, vista-Vision, 1. Coloridos, 13.

TEATRO CIRCO; 15 filmes, 22 sessões. Americanos, 7; franceses, 5; italianos, 1; portugueses, 1 e alemães 1. Em cinemoscópio, 6; cinemoscópio 55, 1; vista-Vision, 1; cinepanoramic, 1 e em supercinescope, 1. Coloridos, 10.

TRIBUNA do CONCELHO

BOURO

Santuário de Nossa S.^a da Abadia

Importantes melhoramentos

Apêlo a todos os devotos

A Mesa Administrativa do Santuário de Nossa Senhora da Abadia, projecta neste Santuário importantes melhoramentos, que só por si não podem levar a efeito.

Tais melhoramentos já desde há muito que se tornam indispensáveis.

Trata-se da construção de um prédio destinado à Casa da Cera e da completa reparação de Quarteis e Varandas ali existentes. Por este motivo e porque tão grande despesa não está ao alcance das possibilidades da Confraria, esta resolveu apelar para todos os devotos de Nossa Senhora da Abadia e organizar em cortejo de olerendas, cuja data será indicada no próximo número deste jornal.

Os pedidos para tal fim, têm tido um imprevisto sucesso.

Está já angariado um elevado número de árvores de todas as espécies. É de salientar que este sucesso se verifica em todas as freguesias do concelho de Amares e ainda em muitas outras dos concelhos circunvizinhos.

Por intermédio do Jornal apelamos para todos os Amarenses ausentes, devotos de Nossa Senhora da Abadia, certos que todos irão contribuir na medida das suas possibilidades para os grandes melhoramentos a realizar.

Sabemos até onde e a que mãos chega este conceituado Jornal, e esperamos dos estimados leitores o melhor acolhimento do nosso apêlo, para assim levarmos a cabo a realização dos nossos projectos.

Amarenses: é nosso dever contribuir para o engrandecimento do Santuário da Abadia e

conservar o que tanto custou aos nos- os antepassados, que só à base de muito sacrifício conseguiram levar a efeito o maravilhoso Santuário, que é o mais antigo da Península.

Orgulhai-vos Amarenses de possuir no vosso concelho o Santuário Mariano mais antigo de Portugal, e contribuamos todos para que ele continue a merecer a atenção dos visitantes.

Além disso, nunca devemos esquecer o amor e devoção que a Milagrosa Senhora da Abadia nos merece. Ela velará sempre pelos seus devotos e proporcionar-lhe-á muitas felicidades na vida.

Os onativos devem ser enviados à Confraria e todos eles serão publicados nas colunas deste Jornal. No dia do cortejo será lavrada uma acta, na qual há-de constar todas as pessoas que contribuíram, bem como a importância que cada uma ofereceu ficando assim assinalado para sempre na história do Santuário, o benefício que cada um prestou.

Aproveitamos para informar os Ex.mos leitores, que as obras em projecto, deverão estar concluídas no próximo mês de Agosto e que os donativos devem ser enviados à Confraria de Nossa Senhora da Abadia —Bouro—Amares.

As pessoas que tencionarem fazer as suas ofertas, devem fazê-las o mais breve possível, pois que o cortejo será realizado por todo o corrente mês.

Amarenses: Mostremos mais uma vez o nosso bairrismo, o nosso brio e o nosso amor pelo progresso do concelho, contribuindo todos para o REAL SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DA ABADIA. Ela compensar-nos-á todos os esforços dispendidos. A.F.

Julgamentos

Começaram, no dia 18 do passado mês, os julgamentos no Tribunal Judicial deste Julgado, ordenados pelo Meritíssimo Juiz de Direito da comarca de Vila Verde, com os resultados seguintes:

Faustino José Barros da Cunha, solteiro, de Lago, acusado do crime de dano, ficou absolvido.

Joaquim Machado Rodrigues e António Abílio Machado, solteiros, de Caires, acusados de ofensas corporais.

O primeiro foi absolvido e o segundo condenado em pena suspensa.

Em conjunto, Maria Custódia de Sousa Ferreira, sol-

teira, seu irmão Abílio de Sousa Ferreira, solteiro, sua mãe Eugénia de Sousa, casada e Joaquina da Rocha Fernandes, solteira, todos da Torre, acusados de se terem envolvido em desordem. Todos condenados, tendo a pena da Joaquina ficado suspensa por 2 anos.

Na semana finda, foram julgados, no Tribunal Municipal:

Domingos Casimiro Ribeiro, solteiro, lavrador, de Santa Marta, foi absolvido.

António Augusto Araújo da Cunha, solteiro, lavrador, de Ferreiros, pelo crime de ofensas corporais, foi condenado.

Silvério da Silva, casado, lavrador, de Ferreiros, pelo mes-

mo crime, foi condenado.

Joaquim de Araújo Gomes, casado, magarele, de Ferreiros, pelo mesmo crime, foi absolvido.

Manuel Fernandes Ribeiro, casado jornalista, de Ferreiros, pelo mesmo crime, foi condenado.

José Maria Almeida da Silva, casado, lavrador, de Ferreiros pelo mesmo crime, foi condenado.

Torcatto Ferreira, solteiro, lavrador, de Prozelo, pelo mesmo crime, foi absolvido.

Manuel de Sepúlveda Ferreira, solteiro, de Prozelo, pelo mesmo crime, foi absolvido.

Alberto dos Santos Pinheiro Ferreira, solteiro, de Caires, foi absolvido.

Albertina Fernandes da Silva, solteira, Gaspar Fernandes de Carvalho, solteiro e José Fernandes da Silva, casado, todos de Braga, pelos crimes de injúria e difamação, foram condenados.

Novos assinantes

Pelo Sr. Arnaldo Domingos Dias, nosso conterrâneo e actualmente em Lisboa, foi-nos indicado, para novo assinante, a sua mãe Cacilda de Jesus Rodrigues, da freguesia de Caires.

Pelo nosso particular amigo Sr. Manuel António Pereira Janela, desta vila, foi-nos indicado o Sr. Henrique Pinheiro de Barros, morador na cidade de Braga, para novo assinante.

Conforme seu pedido, já lhe enviamos o número anterior do nosso jornal.

Pelo Sr. Eduardo J. Macedo Gonçalves, proprietário da moderna alfaiataria "Belcorte" também nos foi indicado para novo assinante o nosso conterrâneo da freguesia de Barreiros, Sr. A. J. Ferreira.

NOVAS CARREIRAS

Foi requerida à Direcção Geral dos Transportes Terrestres pela Empresa Hoteleira de Cerez L.da a licença para exploração de uma carreira regular de passageiros, entre Amares e Paredes Secas, com passagem por Feira Nova, Caires e Portelinhas.

Idem, pela Viação Auto-Motora, licença para exploração de uma carreira regular de passageiros, entre Paredes Secas e Ponte do Porto, passando por Caires, Feira Nova e Amares.

Idem, por António Go-

Cartas ao Director

Ex.mo Snr. Director

Sou filho de lavrador e com a minha vida profissional em Lisboa, mas nunca esqueci a gente da minha terra, nem os assuntos que se relacionam com a lavoura, especialmente Feiras de Gado, pois em qualquer terra por onde tenho passado e que tenho oportunidade de assistir a Feiras de gado fico logo atraído.

Portanto, de visita à minha gente em Cildelas tive a sorte de assistir no passado dia 10 de Fevereiro à feira anual de Amares esplendida iniciativa do Grémio da Lavoura.

Pena foi snr. Director que, não houvesse a feliz ideia de premiar a melhor junta de Bois que se apresentou a concurso.

Que coisa linda, gorda, novos e raros, como parelha, os que apresentou o lavrador da minha freguesia Snr. José Soares da Quintão.

Pessoas conhedoras de certa idade me disseram que nunca tinham visto coisa igual e ver assim uns exemplares tam iguais e grandes.

Esta junta tirou um 2.º prémio no Porto.

Augusto Almeida

Carrazedo

Manuel Joaquim Gonçalves Faria, casado, proprietário, residente no lugar de Barrimau, apresentou queixa contra Domingos José Rodrigues, solteiro, proprietário, e José Luis Ribeiro, casado, lavrador, o primeiro residente no lugar de Carcavelos e este no da Fonte Coberta, todos desta freguesia, por terem cortado uns eucaliptos.

Segundo, a queixa, o número de eucaliptos cortados é ignorado pelo denunciante em virtude de lhe faltarem de vez em quando.

mes Tecedeiro, licença para exploração de Carreira regular de passageiros, entre Amares e Revenda.

Esta carreira terá passagem pelas seguintes localidades:—Feira Nova, Besteiros, Portela, Cildelas, Lamoso, Ponte Romana, Boralha, Mouriz, S. Paio do Pico, Mós e Gondiaes.

Amares

Por ter sido agredido por João Rodrigues, casado, proprietário residente no lugar de Ribeiral, de freguesia de Carrazedo, apresentou queixa Carlos Augusto de Abreu, casado, jornalista, residente nesta vila.

O ofendido alega que fôra chamado pelo João a sua casa, tendo sido agredido com um varapau, produzindo-lhe uma equimose no rosto.

HUMORISMO

Não devias ter morrido

Em certo cemitério um indivíduo lamentava-se em voz alta, junto a uma campa, dizendo:

—Ai! não devias ter morrido, não!

Alguém que o obsetvou, condoido do pobre homem, perguntou:

—Quem jaz aí, homenziinho?

—Ai! Não queira saber—é o primeiro marido de minha mulher...

Por se ter antecipado

Na prisão, um preso dirigiu-se a um recém-chegado companheiro:

—Por aqui também?

—É verdade...

—E porquê?

—Por ter achado uma carteira.

—E porisso te prenderam?!

—Bem, é que... sabes, eu encontrei-a antes de o dono a ter perdido!

Oportunidade perdida

O noivo, a cair de bêbado é posto na rua pelo prior.

A noiva chorosa:

—Oh! sr. padre...

—Rua, rua! Só os casarei quando esse homem se apresentar em seu juízo.

—Oh! sr. padre! Em seu juízo não vem ele cá...

Relojoaria Maurício Queiroz

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género.

Completo sortido de relógios das melhores marcas.

R. D. Frei Caetano Brandão

Telefone 2526

BRAGA

ORIGINALIDADES

(Continuação na 1.ª página)

Os nomes, como a verdadeira localização dessas primitivas comunicações habitacionais, de que se colige a mais forte coesão e apêgo à terra, começada a desbravar pelos mais rudimentares princípios, em que o ruralismo nortenho pode fundar a sua milenária tradição, tal assunto tem constituído um verdadeiro "quebra-cabeças" para muitos dos mais competentes investigadores e decifradores da antiguidade romana.

João de Barros e Contador de Argote em vão se esforçaram por definir um juízo seguro, ao tentarem identificar cada um dos dez povos constantes da célebre inscrição romana de Chaves, confididos nos antiquíssimos limites da *Chacelaria de Braga* (Conventus Braccaraugustanus).

Dois deles, os *Interâmicos* e os *Querquenos*, já aqui foram a tempo referenciados, porém sem o perfeito acôrdo com aqueles eminentes autores relativamente aos *Interâmicos*, vista a opinião desconsertante de Argote que os situa entre-ambos os rios Douro e Tâmega de modo a brigar com a indiscutível posição dos *Tamacanos*; por não estar de todo pelas conclusões de João de Barros, que os mete Entre-Homem e Ave por forma a misturá-los, tão sem razão, com os *Brácaros* propriamente ditos, que habitavam a cidade de Braga e seu termo.

O autor da "divisão da provincia de Entre-Minho e Douro em 12 condados no tempo do rei Fernando o Magno, era de 1064", partilha da opinião de Argote, mas Viterbo repudia por fantasiosa semelhante divisão, em que, diga-se a pretexto, as terras de entre o Homem e o Cávado se incluíam parcialmente no "*Undecimus comitatus incipit in Portela de Homine, inde per cacumina Juresii usque Rubiales (Ruivães de Vieira) inde ad monte Caprariae per ejus cacumina.*"

Não menor curiosidade suscitou a questão dos *Bíbalos*, que Argote, optando pela alternativa de *Búbalos*, distância

lá para as margens do Búbal, afluente na direita do Minho, enquanto Barros, mais comedido e invocando o testemunho de Ptolomeu, com adopção da grafia *Bíbalos—dois vales*, os assenta nos vales "frescos e viçosos" de Geraz e Bouro, marcando-se com Lanhoso para sede deste povo.

Se assim fôsse e aí reside a parte importante da debatida questão, dar-se-ia por satisfeita a ambicionada descoberta do célebre *forum Bibalorum* ou *Bubalorum*—feira dos *Bíbalos* ou *Búbalos*, manifestação dos primeiros actos e tractos de sociabilidade mercantil, com o estabelecimento de mercados de *espécies* e de animais, já nesses recuados tempos em que a troca e permuta de produtos agro-pecuários se tornou de essencial vantagem para a vida das primeiras sociedades.

Dáí ressalta por ventura a ideia, por vezes patente, de que a um tal mercado concorriam as *rêzes* genericamente qualificadas pela "cabra das montanhas—búbalos ou búfalos, gazelas ou corças que povoavam a Cabreira e outrora dominavam terras que depois foram "villas" e povoados, uma vez que o homem, na luta pela primazia da sua existência, teve de começar por dar combate a essa fauna bravia, e reduzi-la à distância, exercitando-se com ela em refregas que depois passou a travar com os seus semelhantes, sempre pela conquista e posse da terra; e haja vista, a tal propósito, que já muito depois o rei Favila, filho e sucessor do heróico Pelágio das Astúrias, morreu às mãos de um urso.

a deduzir e por conclusão, tenha-se na devida conta, e era aqui que se pretendia chegar, o que foi esse *forum Boarium* ou simplesmente *Boarium* (feira de gado vacum) dos romanos—*Bouro* ou *Boiro*, centro-nevrálgico de toda uma riqueza e prosperidade que através de longos séculos de regime pastoril ali desceu dos vales e das serras frescas e viçosas, a ponto de merecer-lhe a importância e a transcendência de que gozou nos tempos antigos e abalisar-se, só pelo nome, como verdadeiro monumento da pré-história.

tolado por todas as formas merecem-lhe o maior carinho e tornam-no modelo de vida apostólica e sacerdotal.

Homenagem que se impõe
(Continuação da 1.ª página)
disso oportuna muito dada a circunstância de terminar o primeiro mandato que o Governo lhe concedeu.

Atentos a todas as manifestações que de qualquer maneira possam exaltar os homens que o merecem, esta desperta-nos um carinho especial que está de acordo com os méritos do Homem focado.

Assim—presentes.

Notas à margem

(Continuação da 1.ª página)

são fieis.

Esta faceta que destacamos, por melhor a conhecermos, implica outra que todos admiram e muitos põem em devido relevo: o espírito sacerdotal, o sentido nobre e sério da vida, o devotar-se ao bem alheio, tanto em obras de assistência como no progresso da sua terra, que é a natal.

Igreja, residência, Bombeiros, a Feira Nova numa palavra—todo o concelho—contam com este sacerdote amigo do progresso, dedicado ao bem comum, com o alto sentido do dever a nortear-lhe os passos.

Catequese, Acção Católica, conferências eclesiásticas, apos-

Faleceu o Rev. P. de José Joaquim da Costa Azevedo

(Continuação da 1.ª página)

procurado para tudo e a nada negava o seu concurso, razão por que era Presidente da Comissão Municipal de Assistência e foi durante muitos anos Tesoureiro da Confraria da Nossa Sra. da Abadia.

Muito conhecido aqui e além, o Prelado tinha pelo saudoso extinto uma particular consideração cuidando, pessoalmente, para que nos últimos dias da sua existência não lhe faltasse o carinho dos que o tratavam e a ajuda da ciência.

Como todos os sacerdotes despreendidos não deixa fortuna por a ter distribuído em vida pelos mais necessitados.

As associações religiosas conheceram, no seu tempo defranca actividade, o maior desenvolvimento e projecção e só nos últimos tempos em que as doenças lhe não permitiam uma actividade continuada conheceram o declínio.

Entre o clero a sua figura era respeitada e em cada sacerdote tinha um amigo devotado e franco, dado que o seu convívio leal e amigo a todos inspirava a maior fraternidade.

O seu falecimento deixa uma lacuna difícil de preencher dado que os seus méritos dificilmente serão iguallados.

O funeral do nosso querido Arcipreste

FOI UMA SIGNIFICATIVA

manifestação de saudade

Logo que foi conhecido o falecimento do saudoso extinto todo o povo da freguesia se pôs de luto, chorando o homem que sempre admirava pelos seus dotes de coração e sacerdote.

O seu funeral representava o momento da última homenagem a que ninguém poderia faltar, como efectivamente ninguém faltou.

Gente de todas as condições sociais, irmanadas do mesmo sentimento de condolências e de gratidão, juntando as suas orações a pedir ao Todo Poderoso um lugar de eleição para o que fora pastor das suas almas.

Por entre essa amálgama de povo contristada foi-nos dado ver: os Rev. Cónegos Mouta Reis, em representação do Sr. Arcebispo Primaz, e António José Pinheiro, Dr. Eduardo Gonçalves, presidente da comissão concelhia da U. N., Dr. Manuel Arantes Rodrigues, Juiz Municipal e Conservador do Registo Civil e Predial, Dr. António José da Costa, advogado e nosso director, Dr. Tomás Gonçalves de Andrade, Presidente do Conselho Geral do Grémio da Lavoura, Dr. Avelino Silva, presidente da Câmara, Padre João Manuel de Barros, arcipreste de Braga, Padre Avelino dos Santos Antunes, professor do Seminário, Padre Hilário Veloso de Barros, capelão do Bom Jesus, Dr. Adolfo Pereira Vilela, notário, Paulo Barbosa de Macedo, Presidente da Associação dos B. V., Domingos Rodrigues, vereador e Presidente da Casa do Povo local, Alexandre de Oliveira, vereador Mário A. Ramos de Azevedo e José Gil de Macedo, pela Junta de Freguesia, Dr. Aristides Marques Vilela, Dr. José António de Sousa Fernandes, José Manuel de Macedo, presidente de comissão de festas, António Geraldo Meneses e António Ba-

ptista Fernandes, pelo F. C. de Amares, Machado Júnior, chefe de secção de Finanças de Monção, Carlos Augusto Gonçalves, Presidente da Mesa da Confraria da Nossa Senhora da Abadia, Capelão de S. Bento, António Joaquim Vieira, todo o clero do Arciprestado sem excepção e a quase totalidade dos presidentes de Juntas de Freguesia, Dr. José Maria Braga da Cruz, Juiz Conselheiro do Tribunal de Contas, etc.

Formado o cortejo fúnebre, A urna foi transportada pelos padres: Joaquim Faria Simões, Acácio Gonçalves da Silva, António Ferreira Figueiredo e Avelino dos Santos Alves, ladeada por uma piquete dos Bombeiros Voluntários.

A urna ia coberta pela bandeira da Associação dos Bombeiros Voluntários que o extinto em vida tanto servira e procediam-na várias associações religiosas e todo o clero.

Atrás do ataúde muito povo e como o trajecto era pequeno e não permitia a incorporação de todos os presentes formaram-se alas.

Por entre as lágrimas de todos, na última homenagem prestada na terra com a presença do extinto, ia a enterrar o Padre José Joaquim da Costa Azevedo, o pároco íntegro, o Arcipreste zeloso—o coração de bondade.

Sombras da madrugada

(Continuação da 6.ª página)

rizando inexorável a carne enregelada.

Corri pelas ruas, procurando ansiosamente um abrigo para o resto da noite; as pernas começavam a ficar exaustas; no peito, o coração pulsava endoudecido e começava a sentir vontade de me deixar cair no chão frio e amortilhar-me com neve...! Corri ainda mais um

pouco sentindo os músculos retizados abandonarem-me...! Por fim lobriguei uma concavidade entre dois palecetes onde deixei tombar desejando abandonar-me a mim mesmo...! Resolvi dormir. Já quase tinha os olhos cerrados quando senti ruído de passos na entrada do meu covil. Quem seria? A estas horas... só algum desgraçado como eu! Divisei uma sombra esbatida pela lua na parede gelida...! lera um velhote de melenas desgrenhadas, com um casaco enorme onde o corpo magro se escondia todo que acabava de entrar.

Sacudiu enérgicamente o gabão esparzindo ao redor a neve acumulada. De repente levantou intrigado a cabeça grisalha e pôs-se à escute...! Chegava agora da rua um choro abafado e um ruído de sócos no lageado duro. Uma criancita passou em frente, encolhida no pobre vestido que nem os joelhos lhe tapava tremendo de medo e de frio.

O velho viu-a passar indiferente! Que lhe importava a garota? Alguém se importava com ele? Não! Então...! Ele também devia sentir a mesma amargura que me consumia, devia ter, como eu, o coração de rancor mas...! Uma chaminha, lá vem no fundo, nos mais recônditos arcanos do coração, crepitou ganhando força...!

O gelo, feito de egoísmo e ódio, que lhe enevoava a alma desfez e...diante dos meus olhos esgazeados abandonou o abrigo e embrulhou-se outra vez nas rajadas da neve.

Passando pouco tempo, voltava trazendo a criancita agasalhada no casaco. Certamente que me viu pensando que estava adormecido; o espaço não chegava para os três.

Esteve em longo tempo indeciso... debatendo-se nos últimos ataques do corpo enregelado que lhe lembrava a miséria passada... e depois, lentamente, despiu o casaco, embrulhou nele o corpiço franzino da criança e... partiu à procura doutro lugar ou acotar-se.

* * *

No outro dia de manhã era levado para a vala comum, hirtito na mudez terrível de revoltado, com o rosto espelhando ainda uma grande agonia, no derradeiro rictos de rancor...!

Braga, Fevereiro de 1957

Manuel de Lima Bastos

As Abelhas

(Continuação da 6.ª página)

rão não chega à pele, ficando na espessura do tecido; com estas luvas de algodão tem-se completa facilidade de movimentos, o que não acontece com as luvas de pele que, precisando de ser muito grossas para evitar a introdução do agulhão, tornam-se demasiado incômodas e desagradáveis, ocasionando além disso, um calor insuportável no verão.

(Continua)

Tribuna Desportiva

O sorteio da fase final da II Divisão

Dois jogos da sensação na primeira jornada:

Braga-Farense e Salgueiros-Guimarães

Segunda-feira, na sede da Federação Portuguesa de Futebol, realizou-se o anunciado sorteio da segunda fase do campeonato nacional da II Divisão.

O acto rodeou-se de natural expectativa. Coube o número 1 ao Farense, o 2 ao Braga, o 3 ao Coruchense, o 4 ao Salgueiros, o 5 ao Montijo e o 6 ao Guimarães.

Vejamos agora o calendário da 1.ª volta. Os jogos efectuam-se nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar:

1.ª JORNADA

Spg. de Braga—Farense
Coruchense—Montijo
Salgueiros—Guimarães

2.ª JORNADA

Farense—Coruchense
Guimarães—Spg. de Braga
Montijo—Salgueiros

3.ª JORNADA

Salgueiros—Farense
Coruchense—Spg. de Braga
Montijo—Salgueiros

4.ª JORNADA

Farense—Montijo

Spg. de Braga—Salgueiros
Coruchense—Guimarães

5.ª JORNADA

Guimarães—Farense
Montijo—Spg. de Braga
Salgueiros—Coruchense

O que é a felicidade?

Para um senhorio—É receber a renda dos prédios, ainda que seja por meio de penhoras.

Para um actor—É ter ponto tão bom, que não seja preciso estudar os papeis, ainda que ele apanhe uma tísica a soprar.

Para um médico—É haver uma epidemia.

Para um aljate—É o termómetro marcar 4 graus a baixo de zero.

Para uma modista—É haver damas tão tolas que não se importem de sacrificar as bolsas dos maridos para andarem na moda.

Para um oficial de delícias—É haver muitas penhoras a fazer.

Para um homem casado—É haver um casamento.

Pelo que se vê a felicidade de uns consiste, quase sempre, na infelicidade dos outros.

Album de coisas várias

Como que a querer negar-se, o Sol terminou por se dissipar no ocaso. Mas o dia ainda não findou e a tarde prolonga-se, frenética e cheia de vida. Há um mês atrás, por esta hora, já era noite, e certamente noite ventosa e friorenta.

Hoje (terça-feira) estive um dia maravilhoso. O sol gritou pujante e másculo num céu sereno e todo ele azul. Senti despertar em mim desejos que há muito me não inquietavam como, por exemplo, o passear pelas ruas da cidade, desta cidade de Braga hoje morna, colorida, com o seu quê de sensual. Senti-me com alguns anos menos e com uma ânsia de poetisar coisas e pessoas, objectos e sussurros. Dou comigo no Parque da Ponte, melancólico e dolente. Ninguem. Eu e o Parque estive-mos sós.

Ali, algures, naquele banco tosco e húmido, debruçado sobre aquela mesa de pedra carcomida e esverdeada—lembro-me bem!—compus eu alguns dos versos que hoje leio publicados num pequeno livrinho. Se aquele banco e aquela mesa, e as árvores, e a sombra, e o lago, e o pó da terra falassem, quantos segredos e quantas angústias, quantos tormentos e quantas esperanças o mundo não ficaria conhecendo—e quão nú eu ficaria perante os homens. E ao mirar o banco e a mesa, ali, no Parque, recitei alguns dos versos escritos há tanto tempo! e, mentalmente, numa sobreim-

pressão de imagens, circunstâncias dramáticas da minha vida passaram perante os meus olhos fechados. O moço em busca de um ideal, o operário desempregado que ali passou muitos meios-dias sem almoço, só para que em casa não soubessem da sua triste e dolorosa situação: Ali pensei e amadureci a mentalidade, lendo e escrevendo. Alguns dos artigos que então ia publicando foram escritos naquelas circunstâncias. Eu tinha vinte anos e seis já decorreram. Há seis anos que eu não me sentava naquele banco, debruçando-me sobre aquela mesa!

* * *

Encontrei o Parque um tanto ou quanto velho e cansado! Mas a sua beleza, sem as cores e as pompas dos doirados revestimentos primaveris, dizia-me, na venusta mansidão das torturas invernais, dum encantamento que para todo o sempre eu ali encontrarei. E parecendo-me cansado e velho o Parque mantinha a sua a'ltivez ilustre, a sua formosura. A formosura só na velhice encontra o seu pleno significado.

O sol amanhã voltará a nascer, caíndo, doirado e amoroso, por sobre o verde do Parque. E tenho a certeza de que, quando lá voltar, encontrarei o velho rejuvenescido e, então, eu e o Parque das minhas más e boas horas, cantaremos hossanas à Primavera.

J. M. (J.)

ARREPENDIMENTO

Um dia, crente em meus sonhos ufanos,
Fugi da minha terra, arei os mares
Para depois, ao fim de longos anos,
Regressar, mas só rico de pesares.

Por toda a parte vi do mundo os danos:
Sorrisos de desdém, risos alvares,
Traições nefastas nos salões mundanos,
Miséria e prodição nos lupanares!

Agora, neste chão acolhedor
Da minha aldeia, sinto o amargor
De a ter abandonado sem pesar;

Porque ela não mudou como eu mudei.
É a mesma, tal-qual eu a deixei
Quando me fui embora do meu lar.

UERBA

Folhetim da "Tribuna Livre,, 10

SEMPRE NOIVOS

(Recordação do Minho — Usos e costumes)

Por Porfirio de Sousa

—É que se não tivesse o supremo desejo de a tornar minha mulher, não daria, sequer um passo para lhe pedir namoro.

—Quer dizer que o pedido de namoro já envolvia o desejo de realizar o segundo sonho...

—Já!

—É espero que a Maria Teresa não ponha objecções, afim de não ransmudar este deslumbrante e acalentado sonho na mais dolorosa e negra desilusão.

—Não!

Eu também não quero destruir pelas minhas próprias mãos o sonho que me embeleza a vida a alguns anos!...

—O quê!?

A Maria Teresa também me ama há muito tempo?!

—Sim, José.

Desde que você principiou a rondar a minha porta há cinco anos...

—Oh! que insensato eu fui!

—Passava por mim, córava, dava bom dia ou boa tarde e continuava o seu caminho...

—Por mais que tentasse falar-lhe era-me impossível.

No momento que ia abrir a boca parecia que se me entupia a garganta e só conseguia dar-lhe o bom dia ou a boa tarde.

—E eu à espera que você desembuchasse...

—Até que um dia fui para a tropa.

—E eu principiei a falar com uns e com outros e o que demorou mais tempo foi o Venâncio de Almeida.

—Mas em Lisboa, depois de muito pensar sobre o assunto, decidi, quando voltasse, perder todo o acanhamento e dizer-lhe que .. a amava!

—E, ainda assim, custou!

—Mas quantos rapazes namorou você durante a minha ausência

—Nenhum!

—Nenhum?!

—É como lhe digo.

—Mas você, há pouco, falou em "outros e no Venâncio de Almeida".

—Sim.

—E então?

—Eu disse falar e não namorar!

—Ah!

—Você é o meu primeiro namoro e espero que seja o último!

—E o mundo será nosso!

—E de mais ninguém...

—O nosso amor, a nossa paixão, a nossa felicidade...

—E mais nada?

—E os nossos filhos que serão a recordação viva deste amor que nos sublima a vida!

—Ai! como você vem de Lisboa!...

—A pensar no El-dourado para lhe oferecer...

—Pois, apesar de tudo, contento-me com pouco, com umas terras para amarmos, que nos dêem o pão nosso de cada dia, e a sua amizade e o seu amor que é o que mais ambiciono e quero nesta vida.

—As terras procurá-las-ei e a minha amizade e o meu amor pode contar com eles por que uma e outra já lhes dedico há muito tempo.

—E você, por sua vez, pode contar, também, com a minha dedicação sem limites e com o meu imenso amor para sempre...

—É uma e outro que constituem a minha felicidade.

—Já é tarde. Voltemos barqueiro!

—Esta tarde não devia acabar...

—Não sei porquê?

—Mas sei eu!—para ter o prazer de a ter sempre junto de mim.

—Quando realizar o seu segundo sonho já me terá sempre junto de si.

—E até lá?

—Todos os momentos livres que tiver venha passá-los ao lugar do Monte...

—Está bem... e agradeço o seu interesse.

(Continua)

MONOGRAFIA DO CONCELHO

Continuação da 1.ª página

Fêz-lhe Afonso II a vontade, retirando-se e deixando em seu lugar famosos cavaleiros, entre eles o próprio padrao de Martim Sanches, Gil Vasques de Soverosa.

Travou-se a batalha da Várzea entre Portugueses e os lioneses que Martim Sanches comandava e, na fúria da refrega, este fêz de um golpe saltar da mão e ir pelos ares a espada do Soverosa, aprisionando-o, para logo lhe conceder a liberdade e a vida, aconselhando-o antes a descansar dos trabalhos passados.

Na batalha de Grijó, já nos últimos tempos do governo de Sancho II (1245) entre o desvairamento e o ardor do combate «mataram o cavalo a um ilustre cavaleiro chamado Rui Fafes; viu-se a pé com pouco remédio em caso de tanto perigo e não achou melhor cómodo para se defender dos inimigos, que pedir o cavalo a Gonçalo Rodrigues de Abreu, de Regalados, que, sendo moço, teria mais arte para se sustentar a pé na batalha.

Deu-lhe o cavalo com a condição de que havia de dar-lhe por mulher sua filha D. Mécia Rodrigues.

Prometeu-lha Rui Fafes caso Deus permitisse que saísse livre da batalha e assim o cumpriu fielmente».

* * *

É neste estado de coisas e panorama político desses velhostempos que se enquadra o caso de João Peres de Vasconcelos, sobrinho do poderoso arcebispo de Braga, D. Estevão Soares da Silva, um dos testamenteiros de Sancho I, que então se arvorou em campeão e defensor das prerrogativas do clero e da nobreza de Entre-Minho e Douro.

Martim Pais de Ribeira aderiu abertamente à causa das infantas, que era a da própria irmã, Maria Pais senhora de Vila do Conde, Parada, Pousadel e Pereira, padroeira do mosteiro de Bouro, além dos legados com que o falecido rei distinguira cada um dos quatro filhos que dela tivera.

Teve então lugar esse passo de Nobiliário do conde D. Pedro, sob o título XXXVI de que se resume o seguinte: Aires de Freitas, do couto deste nome em território de Guimarães, matou Gil Martins de Ribeira, filho de Martins Pais.

Por sua vez, João Peres de Vasconcelos, segundo primo co-irmão da vítima, desafiou e matou aquele Aires de Freitas no mosteiro de Fonte-Arcada.

Depois, Estevão de Freitas, irmão de Aires, desafiou João Peres de Vasconcelos, e foram testemunhas o citado Rui Fafes, Vasco Lourenço e Martim Lourenço da Cunha.

Mas João Peres de Vasconcelos não aceitou o repto, muito embora para tanto ter sido emprazado por Sancho II, que «houve de dar sentença aa revelia»; e esta circunstância mereceu-lhe dos contrários a alcunha de «tenreiro» —que significaria fraquez, covardia—se tão galhardamente o não desmentisse depois no cerco e conquista de Sevilha, onde, como já foi referido, se portou como um verdadeiro herói.

Se aliarmos a sucessão destes acontecimentos à deposição de Sancho II, vamos encontrar finalmente em Toledo, a coroá-los com um exemplo muitas vezes referido, mas sempre nobre e edificante, o leal alcaide de Coimbra Martim de Freitas, filho do Estevão, a depôr, aberto o ataúde na mão inerte do infeliz monarca, as chaves do Castelo porque prestara obediência e menagem.

Em Fonte-Arcada encontram-se os primeiros sintomas das dissensões e lutas que levaram a nobreza a sangrar e a diminuir-se até ao fim da primeira dinastia.

Pela Maria da Fonte-Arcada nem sequer poderiam então adivinhar-se as efervescências do movimento popular que, alguns séculos depois havia de conduzir aos últimos destinos nacionais.

Continua no próximo número

ALFAIATARIA "BELCORTE" DE

José Eduardo Macedo Gonçalves

Confecciona fatos para HOMEM, SENHORA e CRIANÇA
CORTE ESMERADO e ÓPTIMOS ACABAMENTOS

PREÇOS MÓDICOS

Não se esqueça: ALFAIATARIA "BELCORTE",

LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR — AMARES

Abaixo do meu cacête

Sombras da madrugada

Por Manuel Bastos

Escondido na penumbra dos arcos fronteiros via chegar os carros magníficos, cheios de damas elegantes e cavalheiros impecáveis que subiam lentamente as escadas do salão de baile onde agora à noite se realizava a esplêndida festa.

A noite estava fria e eu titirava com a camisa colada ao corpo, teimando, numa obsessão quase imbecil, em ficar ali a apetecer coisas inatingíveis para um maltrapilho como eu.

Mas não! Havia de ver! Havia de sentir a multidão frenética, lá dentro, ululando como ursos.

Corja! Corja! —segredava-me uma voz interior.

Já quase não sentia o contacto da coluna dura e lentamente os ombros descaíram-me num abandono sem esperança, feito de fome e de frio.

E eu então vi...! Sim, vi! Tenho a certeza.

Tive de serrar os olhos pois as luzes fantásticas dos lustres ofuscavam-me.

Ao fundo a orquestra gemia uma valsa de ritmo lento e apaixonado. E aquelas meninas distintas... quase todas de duvidosa virgindade, entregavam o pouco que ainda podiam dar àqueles mocetões de "sombokings" elegantes... que aproveitavam o preço!

Depois, diante dos meus olhos, asselados pela fome aquelas senhores searam com um requinte e uma sobreidade digna de Nabucodonosor; os meus olhos apagados despediam ainda centelhas na escuridão.

Os cristais facetados brilhavam, num riso alvar, como que a rirem-se de mim, da minha avidez, num concílio desconcertante de luz e de fulgor.

Das mesas evolava-se um odor subtil que me amodenava atrás das grades fantásticas do meu espírito cego; e eu todo me sentia esvaecer, num acabar tão lento, que à minha volta as paredes se curvaram compadecidas para depois volatizarem-se como que cansadas de mim, da sua própria materialidade estéril, ansiando pelo etéreo dum outro mundo, infinito e diáfano, na sua própria concepção de grandeza.

No meu cérebro dois dançarinos enlouquecidos martelavam-me impiedosamente; sentia à minha volta o concerto agudo do vento soprando pelas arcadas.

Perpassavam rápidos, inatingíveis, corpós vaporosos deslizando no ar, enquanto uma música, cálida e dolente enchia os salões de notas quentes e arrebatadamente sensuais; sedas de maravilhosos vestidos de noite roçagaram o meu corpo inerte, deixando-me ainda mais desfalecido e abandonado.

Quis fugir daquela voragem fascinante e aterradora mas os membros esvaecidos quedavam-se num torpor infindo; senti cabeças perfumadas inclinarem-se para mim numa compaixão afectada que me desesperava; quis cuspir-lhes nas faces pintadas de prostitutas todo o meu ódio; quis retalhar-lhes aqueles rostos formosos deixando-os ainda mais repugnantes que os meus farrapos sujos.

Mas... apenas senti uma dor profunda percorrer-me o corpo todo; na minha mente escandecida desencadeava-se um vendaval de raios e dardos faiscentes; a orquestra, ao fundo, tocava enlouquecida uma melodia estranha num conjun-

to diabólico de sons desconhecidos que os dançarinos acompanhavam febris, em ritmo convulso; lentamente acordei daquele letargo sentindo um imenso vazio à minha volta.

* * *

Levantei-me aos poucos, desprendendo as últimas amarras da inconsciência feliz que me não deixava sentir a minha miséria. Passei as mãos pela cara e abri os olhos. Na minha frente o porteiro do hotel sacudia-me:

—«Vá... rua, rua! A festa está a acabar e eu não quero que te encontrem aqui...! Desaparece!»

Voltou-me as costas e foi-se aquecer no fogão do átrio.

* * *

Do céu encoberto, onde de espaços a espaços a lua rompia, branca e álgida, começou a tomar, em camadas macias, flocos de neve.

Que poética visão para quem, dentro da casa, chega à janela e entreabre os cortinados admirando as plumas alvas a pousar aqui e além, cobrindo os telhados e as ruas dum lençol immaculado!

Mas para os desgraçados como eu era bem doloroso o contacto da neve com o corpo, entrando pelo pescoço e pelos rasgões da camisa, marti-

(Continua na 4.ª página)

As Abelhas Sua irritabilidade

Por Avlis

(Continuação do número anterior)

É variável a irritabilidade das abelhas. Muitas pessoas passam pela frente das colmeias, chegando mesmo a tocar-lhe, sem serem atacadas enquanto que outras é-lhes mesmo difícil passar a larga distância delas, sem serem picadas. A explicação destes factos apenas se pode atribuir à enorme variedade de emanações corpóreas, pois não há outro para nós mais plausível. As abelhas são sociáveis em extremo, mas é preciso aproximarmo-nos sem ruído, sem gritos nem grandes movimentos, para as não atemorizarmos. Se pousa, devemos fazê-las voar soprando e não com movimentos precipitados, o que atemorizando-as, as obrigaria a picar; se nos rodeiam com sintoma raivoso, devemos curvar-nos ficando imóveis até que a abelha desapareça; os gestos espalhafatosos, neste caso é picada certa. Todo o animal se doma e subjuga com carinhos e doçura. Se bem que seja ousado o dizer-se que as abelhas conhecem as pessoas de casa, são elas contudo susceptíveis de uma semi-domesticidade. Se cobrirmos as mãos de mel, elas vêm-no lambem, sem nos causarem o menor mal e, quando estão ocupadas a colher o mel, nas flores, podemos andar próximo delas, afugentá-las, sem o menor perigo de ser atacado, pois

neste caso as abelhas são medrosas e enofensivas. Mas como todos os insectos do género, próximo do ninho para defender a prole, atacam furiosamente ao mínimo sinal de perigo, qual é o ser vivo que não defende a casa e a família? A abelha quando está completamente abarrotada de mel, é inofensiva, visto então ser-lhe impossível fazer sair o dardo do abdómen; mas fora deste caso, não é prudente irritá-las. Para evitar picadas, mais ou menos prejudiciais, sempre desagradáveis, é conveniente usar-se em todas os trabalhos apícolas, a máscara e luvas.

A máscara pode ser de rede metálica guarnecida de pano para se usar sem chapéu, devo de esclarecer que o cráneo tem de ser tam resguardado como o rosto pois são nestas regiões a onde as picadas desenvolve o maior efeito de irritação; a máscara também pode ser um véu de tule branco e tule negro na frente com elástico, que se adapta ao chapéu, e de umas luvas de algodão, duplas, sendo as superiores muito finas tapadas e lisas, e as inferiores mais grossas e de tecido raro, luvas que resguardam, melhor que as de película, e permitem maior liberdade de movimentos. Assim, embora a abelha pique na luva, o fer-

(Continua na 4.ª página)

CONDIÇÕES de Assinatura

(pagamento adiantado)

Continente e Ilhas

Semestre 25\$00
Ano 50\$00

Ultramar e Brasil

(Por avião)

Semestre 97\$00
Ano 182\$00

(Via marítima)

Semestre 40\$00
Ano 80\$00

Estrangeiro

(Por avião)

Semestre 115\$00
Ano 230\$00

(Via marítima)

Semestre 60\$00
Ano 120\$00